

ENTREVISTA

Lúcia Cristina Lopes Pestana

Bibliotecária e Editora da Revista Ecos - IESMA

1) Conte a sua trajetória profissional, desde a sua formação primeira enquanto bibliotecária, até a sua atividade como editora e idealizadora da Revista Ecos.

Possui graduação em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Maranhão (1998) e Especialização em Ciência da Informação. Atualmente é bibliotecária do Instituto de Estudos Superiores do Maranhão (IESMA). E tem experiência na área de Ciência da Informação, com ênfase em Biblioteconomia.

Primeiro trabalho foi como professora do ensino superior, no curso de comunicação, na UFMA. No curso a forma de ministrar era diferente, pois não faziam monografia tradicional, era feito jornal ou revista no formato impresso ou apresentação de um telejornal, então era preciso conhecer a questão da pesquisa; da formatação, etc. Havia um jornal impresso e ajudava esse grupo, mesmo não dando mais aula para eles.

Quando ingressou no IESMA foi como professora de Metodologia Científica indicada pelo Departamento do Curso de Biblioteconomia, e um tempo depois foi convidada pelo instituto para assumir a biblioteca, pelo fato dela precisar ser automatizada.

Com a criação da revista, a sua função a princípio era formatação desta, mas se envolveu tanto no projeto, foi conhecer cada passo da produção da revista impressa na gráfica e se encantou com o processo.

Os membros que fazem parte da revista, maioria são padres e estes por terem suas obrigações que lhe ocupam muito seu tempo, viu-se necessidade em assumir as fases do processo, desde captação do artigos; a seleção dos artigos; a ir na gráfica; a divulgação da revista, até o lançamento para que a revista não deixasse de existir.

2) Quais as suas motivações e percepções para este projeto?

Nessa época o instituto não tinha reconhecimento do MEC, e foi uma das exigências do ministério. Passando a exercer os dois cargos no instituto.

Na primeira visita do MEC para reconhecer o instituto e o curso de ciências religiosas, foi sugerido pela comissão que a instituição tivesse um periódico, aliado a isso, percebendo que a produção de textos era menor no curso de ciências religiosas do que na filosofia e sabendo que o curso de filosofia iria pedir reconhecimento posteriormente; convidou o então coordenador do curso de filosofia Janilson Viegas, atual diretor do Colégio Universitário e foi idealizado a revista, em 2007. Ressaltando que a direção do instituto sempre deu todo o apoio estrutural, financeiro, etc.

Quando o MEC veio para reconhecer o curso de filosofia, a revista já existia e foi bem visto pela comissão.

3) Quais os desafios enfrentados e como são vencidos durante o processo de produção da revista?

O maior desafio é pelo fato da instituição não ter grupo de pesquisa sistematizada. A pesquisa é mais voltada para bibliográficas e há dificuldade em colocar no papel sobre suas pesquisas em campo. Exemplo dos alunos de teologia, eles que exercem práticas que desenvolvem trabalhos e projetos, as chamadas pastorais; pastoral familiar, pastoral carcerária, etc., todo isso é pesquisa, porém não é sistematizado, não transformam em produção textual, assim não tem como submeter seus trabalhos. Isso envolve a cultura de não escrever, que dificulta o processo, mas são estimulados a produzir artigos a partir de eventos que acontecem na instituição e de trabalhos apresentados em sala de aula.

4) Qual a sua percepção para o futuro das produções impressas diante do cenário atual das produções eletrônicas, produção e distribuição indevidas de cópias pela Internet e as transformações ocorridas nas bibliotecas com o avanço tecnológico?

Muitas revistas hoje, percebo a partir das que temos assinatura e permuta deixaram de ter o formato impresso e algumas tem nos dois formatos. A Revista Ecos tem pretensão de diminuir o formato impresso e ampliar para o digital para poder acompanhar o vários formatos, mas não que seja por questão financeira, e a biblioteca acompanha também esse avanço. Aqui no instituto as áreas que eles trabalham é bem tradicional, lêemos autores clássicos, e preferem que seja o papel, tem até alguns que não validam a produção eletrônica, tanto que não acessam muito os bancos de dados, mesmo que seja divulgado. Essas mudanças tecnológicas a gente ver que é bem ampla e rápida em algumas instituições, algo que é bom, mas é importante o usuário saber identificar, selecionar o que são lixos informacionais e temos essa função também de ajudar, e informar sobre essas produções e distribuições indevidas e a biblioteca acompanhar esse avanço, sempre pensando no melhor para o usuário.

5) Diante da sua práxis como bibliotecária e editora da Revista Ecos, a partir das mudanças sociais que requer um novo paradigma de atuação do profissional quais as competências que você elencaria para o discente do Curso de Biblioteconomia?

Na questão de bibliotecária falam muito de mediação, mas o principal é conhecer o seu público, e junto a editoração para saber para quem você está trabalhando; publicando. Precisa ter flexibilidade para saber lidar com as diversos momentos que irá passar; não ser alguém “engessado” e não colocar empecilhos a partir das regras estabelecidas; ter noções de administração, pois é preciso tanto para gerir uma biblioteca e outras funções, algo que foi bem difícil no início assim que contratada para gerenciar a biblioteca.

6) O lançamento de uma revista é a culminância de todo um processo de produção. Como você definiria este momento?

Momento de satisfação, bem bacana. As aulas são suspensas, há a presença de todos que fizeram parte da revista, as comissões, os autores dos artigos e falam um pouco sobre o que escreveram; corpo docente e discente; a direção da instituição, momento que todos esperam, querem ver e saber o resultado do processo.